



UNIVERSIDADE FEDERAL DO DELTA DO PARNAÍBA – UFDPa
CAMPUS MINISTRO REIS VELLOSO – PARNAÍBA-PI
PSICOLOGIA - FORMAÇÃO DE PSICÓLOGO

ADRIANO FERREIRA DE CARVALHO

O IMPACTO DOS ESTILOS PARENTAIS NA SAÚDE MENTAL DE
ADOLESCENTES: Uma revisão de literatura

PARNAÍBA – PI

2023

ADRIANO FERREIRA DE CARVALHO

**O IMPACTO DOS ESTILOS PARENTAIS NA SAÚDE MENTAL DE
ADOLESCENTES: Uma revisão de literatura**

O presente trabalho é requisito para aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II e requisito parcial para conclusão do curso de graduação em Psicologia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba - UFDPAR.

Orientadora: Profa. Dra. Algeless Milka
Meirelles Pereira da Silva

PARNAÍBA – PI

2023

RESUMO

Este trabalho buscou analisar o impacto dos estilos parentais na saúde mental dos adolescentes, especialmente considerando manifestações dos transtornos de ansiedade e transtornos depressivos. O método utilizado foi o de revisão sistemática da literatura e abrangeu 16 estudos publicados nos últimos 5 anos, que utilizaram amostras com idades entre 10 e 19 anos provenientes de diversas regiões do mundo. Os resultados indicaram uma clara associação entre os estilos parentais e a saúde mental dos filhos adolescentes. O estilo parental autoritativo foi consistentemente associado a menores níveis de ansiedade e depressão em todos os estudos que o mencionaram, sendo considerado como um fator protetivo para a saúde mental dos adolescentes. Por outro lado, o estilo parental autoritário revelou associações frequentes com sintomas de ansiedade e depressão, configurando-se como um forte fator de risco. As intervenções direcionadas aos pais mostraram-se eficazes na modificação dos estilos parentais para um estilo mais positivo. Para futuras pesquisas foi sugerida a inclusão de estudos que abordem a percepção dos pais em relação aos seus próprios estilos parentais, tais como observações de terceiros, de modo a obter uma compreensão mais abrangente e objetiva dos estilos parentais.

Palavras-chave: Estilo Parental. Saúde mental. Adolescente. Ansiedade. Depressão.

ABSTRACT

This work sought to analyze the impact of parenting styles on the mental health of adolescents, especially considering manifestations of anxiety disorders and depressive disorders. The method used was a systematic literature review and covered 16 studies published in the last 5 years, which used samples aged between 10 and 19 years from various regions of the world. The results indicated a clear association between parenting styles and the mental health of adolescents. The authoritative parenting style was consistently associated with lower levels of anxiety and depression in all the studies that mentioned it, being considered as a protective factor for the mental health of adolescents. On the other hand, the authoritarian parenting style revealed frequent associations with symptoms of anxiety and depression, setting itself up as a strong risk factor. Interventions directed at parents proved effective in modifying parenting styles to a more positive style. We suggest for future research the inclusion of studies that address the perception of parents in relation to their own parenting styles, such as third-party observations, in order to obtain a more comprehensive and objective understanding of parenting styles.

Keywords: Parenting Style. Mental Health. Adolescent. Anxiety. Depression.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	5
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	8
2.1 Adolescência: compreendendo o conceito.....	8
2.2 A saúde mental de adolescentes	9
2.2.1 Os transtornos de saúde mentais nos adolescentes.....	11
2.2.2 As Influências da família e dos pais na saúde mental de adolescentes	14
2.2.3 Os estilos parentais na saúde mental de adolescentes	15
3 OBJETIVOS.....	18
3.1 Objetivo geral	18
3.2 Objetivos específicos	18
4 METODOLOGIA.....	18
4.1 Procedimentos metodológicos	18
4.2 Critérios para seleção dos estudos	19
4.3 Critério de análise dos estudos.....	19
5 RESULTADOS	20
5.1 Resultados da seleção de estudos	20
5.2 Visão de estilos parentais dos estudos	23
5.3 Impacto dos estilos parentais na saúde mental de adolescentes	23
6 DISCUSSÃO.....	25
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS.....	37
APÊNDICE.....	44

1 INTRODUÇÃO

A saúde mental de um indivíduo está intrinsecamente ligada à sua capacidade de enfrentar os desafios da vida e de equilibrar seus desejos, habilidades, ambições, ideias e emoções, manter a saúde mental significa se sentir bem consigo mesmo e com os outros, aceitar as demandas da vida, lidar eficientemente com emoções positivas e negativas, reconhecer limitações e buscar apoio quando necessitar (SESA-PR, 2023).

Nesse sentido, a saúde mental dos adolescentes se configura como uma área de grande interesse e preocupação para a psicologia, pois durante essa importante fase do desenvolvimento humano, os indivíduos enfrentam uma diversidade de desafios emocionais, sociais e psicológicos que podem afetar de maneira muito significativa o bem-estar e a qualidade de vida, dentre esses desafios, destacam-se os transtornos de saúde mental, com predominância dos transtornos de ansiedade e transtornos depressivos que lideraram os maiores números de pessoas diagnosticadas no mundo em 2019 (Avanci *et al.*, 2007; OMS, 2023).

A adolescência é a fase de desenvolvimento mais complexa e com maior dinamismo nas mudanças, tanto físicas quanto psicológicas (Soares, 2018). No aspecto psicológico é bastante comum para o indivíduo adolescente enfrentar ansiedade e depressão, e é comum que os jovens lidem com ambos simultaneamente, isso destaca o quanto é essencial abordarmos a saúde mental dos adolescentes levando em consideração a forte frequência do surgimento desses transtornos que podem consequentemente, levar ao maior uso de medicamentos nessa faixa etária. (Axelsdóttir, 2022).

Desde 1994 o SINITOX - Sistema Nacional de Informações Toxicológicas, tem registrado um padrão preocupante: os medicamentos seguem sendo desde o início dos registros, os principais agentes de intoxicação em humanos no Brasil, dentre eles estão os benzodiazepínicos e os antidepressivos. Atualmente, observamos um aumento significativo nos transtornos psicológicos, como depressão e ansiedade, especialmente entre os adolescentes, paralelamente, nota-se um crescimento no uso de psicotrópicos. Embora os medicamentos sejam ferramentas essenciais no tratamento desses transtornos, é fundamental destacar os riscos associados a seu uso, exigindo uma abordagem cautelosa e consciente (Gomes; Rodrigues; Santos, 2023).

Dentre os diversos fatores que exercem influência na saúde mental do indivíduo adolescente e no surgimento de transtornos mentais, destaca-se como

elemento importante a relação desses jovens com seus pais ou cuidadores. É importante compreendermos como os diferentes estilos parentais podem influenciar a saúde mental de adolescentes, uma vez que a interação familiar desempenha um papel fundamental no bem-estar psicológico, pois a família constitui a rede básica que o adolescente mais interage, e em todas as sociedades é atribuído aos pais a maior responsabilidade de criação dos filhos (Lahikainen; Tolonen; Kraav, 2008).

Nesse sentido, Baumrind (1966) desenvolveu estudos sobre os estilos parentais, mais tarde expandidos por Maccoby e Martin (1973), nos quais buscaram classificar os estilos e padrões de criação dos pais em 4 modelos: autoritário, permissivo, autoritativo e negligente, utilizando como base dois elementos: exigência e responsividade. Ao compreendermos melhor como se dá essa relação entre pais/cuidadores e filhos, podemos direcionar esforços para prevenir e tratar não só de problemas de comportamento, mas como também cuidar do bem-estar dos filhos, promovendo um ambiente mais saudável e adequado ao desenvolvimento (Sakuramoto; Squassoni; Matsukura, 2014).

A grande produção de conhecimento para o presente trabalho parte de um viés cognitivista e boa parte dos estudos nessa área foram produzidos sob essa perspectiva, no qual temos uma grande fonte de informações, tornando-se base nessa área do conhecimento. Nesse sentido o presente trabalho toma como base essa mesma perspectiva, seguindo essa linha de pensamento.

O presente trabalho tem como objetivo analisar o impacto dos estilos parentais na saúde mental dos adolescentes considerando manifestações de transtornos de ansiedade e transtornos depressivos, a partir de artigos publicados nos últimos 5 anos.

O problema de pesquisa deste estudo, então, conduz à seguinte indagação: como os diferentes estilos parentais influenciam na saúde mental e no desenvolvimento e manutenção de transtornos de ansiedade e transtornos depressivos? Ao responder a esta pergunta, contribui-se com o conhecimento existente, oferecendo informações que podem servir de subsídio para o desenvolvimento de estratégias de intervenção e suporte adequado.

Em termos metodológicos, o presente trabalho foi levado por meio de uma revisão sistemática de literatura, em que foram revisados artigos científicos publicados nos últimos 5 anos, os quais abordam esta temática e fornecem informações relevantes sobre a influência dos estilos parentais na saúde mental dos filhos adolescentes, a

seleção desse período permite explorar as perspectivas mais recentes e atualizadas sobre o tema.

Ao analisar a literatura científica atual em busca de respostas, este estudo oferece contribuições para a implementação de práticas e políticas eficazes voltadas para a promoção da saúde mental na faixa etária de 10 a 19 anos. Neste sentido, acredita-se que compreender como os diferentes estilos parentais influenciam no bem-estar psicológico dos filhos é fundamental quando se busca promover um ambiente familiar saudável, favorecendo dessa maneira, o desenvolvimento desses adolescentes.

A seguir será apresentada a fundamentação teórica em que são explorados os principais conceitos que sustentam esta pesquisa, em seguida os objetivos deste trabalho, a metodologia compreende como foi realizada a análise e seleção dos materiais, após a metodologia, os resultados são apresentados, seguidos pela discussão e considerações finais. O cronograma delineia a sequência temporal das etapas do estudo, as referências listam as fontes bibliográficas utilizadas, por fim, o apêndice inclui informações complementares e/ou materiais que foram relevantes para a elaboração do trabalho.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Adolescência: compreendendo o conceito

A adolescência é a fase do desenvolvimento humano mais complexa e com maior dinamismo nas mudanças, tanto físicas quanto psicológicas, no aspecto psicológico, os adolescentes experimentam muita instabilidade e desequilíbrio, oscilando entre momentos de confiança, introspecção, ousadia, timidez, descoordenação, urgência, desinteresse ou apatia, muitas vezes acompanhadas de conflitos emocionais, crises religiosas e reflexões filosóficas, essa montanha-russa de emoções e pensamentos é uma característica marcante desse período (Soares, 2018).

A adolescência recebe definições diferentes, no sentido de intervalo cronológico, a depender da instituição. Segundo a OMS (1999), adolescência diz respeito a faixa etária entre 10 e 19 anos, já o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) afirma que esse grupo compõe a faixa etária de 12 a 18 anos (Brasil, 1991). A adolescência inicia-se com as transformações corporais da puberdade e se finaliza com a inserção social profissional e econômica, ou seja, tornando-se um adulto (Formigli; Costa; Porto, 2010).

Para Matos (2006), a adolescência é tipicamente um período de vida com menor necessidade no sentido de saúde física, por outro lado, especialmente em países desenvolvidos, os maiores desafios estão mais vinculados aos aspectos psicológicos, comportamentos e estilos de vida, os adolescentes costumam basear suas estratégias na emoção, as quais geralmente mostram-se menos eficazes na solução de problemas.

Essa fase da vida não impacta apenas os próprios adolescentes, mas também aqueles que convivem de perto com eles, especialmente a família, pois a adolescência dos filhos exerce uma influência direta no dinamismo familiar, configurando-se como uma fase desafiadora e dolorosa tanto para os próprios adolescentes quanto para seus pais (Pratta; Santos, 2007). É reconhecido que durante esse período do desenvolvimento, há significativas mudanças e conquistas, não apenas no aspecto físico, mas também nos aspectos social, cognitivo e, especialmente, a formação da identidade psicossocial (Reichert, 2006).

Em meio a rápidas transformações sociais e tecnológicas, especialmente após o surgimento do delicado período da pandemia de covid-19 e do isolamento social, os adolescentes, que já lideravam o uso de internet e *smartphones*, passaram a utilizar ainda mais essas ferramentas. Segundo Silva (2016) as mudanças promovidas pelas

tecnologias digitais estão transformando as interações humanas, limitando o contato físico e promovendo uma comodidade que pode resultar em problemas sociais, incluindo o afastamento das relações sociais, levando à solidão, e até a depressão.

O *smartphone*, para além das redes sociais que oferece, usa algoritmos de inteligência artificial, oferta tecnologia de última geração, mas ele só faz cálculos, faz previsões e resolve problemas práticos, ele não consegue entender ou lidar com nossas experiências pessoais e sentimentos profundos de nossa existência humana (Tokuo, 2022).

Os adolescentes buscam nas redes sociais uma forma de preencher um vazio, assim, criando uma ilusão de constante companhia e felicidade por meio de amigos virtuais e compartilhamento de informações, no entanto, ao desconectar, a realidade se distorce, tornando as relações presenciais menos significativas devido à falsa impressão de contentamento gerada pelas interações online (Silva, 2016).

A demanda incessante por informações instantâneas exerce uma pressão intensa, impondo um senso de imediatismo que acaba sendo um produtor de stress, consequentemente gerando problemas relacionados à sobrecarga e ansiedade (Xavier, 2008). Diante desse imediatismo e dessa aceleração de informações e da velocidade do ritmo da vida, que aumenta a cada dia, a saúde mental acaba sendo deixada em segundo plano, principalmente quando se trata de indivíduos adolescentes, que já nasceram em um mundo com tecnologias em forte ascensão e cada vez mais hiperconectado.

2.2 A saúde mental de adolescentes

Nossa sociedade atualmente valoriza a rapidez na obtenção de informações, sendo impulsionada pelo imediatismo e pela dependência tecnológica, assim temos um acesso cada vez maior a excessivas informações, impactando significativamente a vida, gerando novas demandas psicossociais (Fortim; Araújo, 2013). Neste sentido, as questões relacionadas a saúde mental ganham cada vez mais destaque e relevância, pois a saúde mental é um aspecto fundamental do ser humano, logo promover a saúde mental é favorecer uma vida mais resiliente e contribuir para prevenção dos transtornos mentais (Baldissera, 2021).

Existem diversas definições de saúde mental, dentre elas, o presente trabalho toma como base a definição da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2022), que afirma que a saúde mental é um estado de bem-estar mental que permite ao indivíduo

lidar com os desafios e o stress do cotidiano, desenvolver suas habilidades, aprender, trabalhar e contribuir para a sociedade, ela desempenha um papel fundamental na promoção da saúde de um modo geral e no sustento de nossas capacidades individuais e coletivas para tomar decisões, construir relacionamentos saudáveis e influenciar o mundo em que vivemos. A saúde mental é reconhecida como um direito humano básico e desempenha um papel essencial no desenvolvimento pessoal, comunitário e socioeconômico (OMS, 2022).

De acordo com Oliveira (2008) quando se trata de saúde mental, busca-se uma definição de sanidade que não se limite apenas à patologia sob a perspectiva médico-psiquiátrica, essa ideia promove mudanças no entendimento do processo saúde-doença na perspectiva psicossocial e estrutura o modelo de atenção para a rede de saúde mental. Sá (2010) define saúde mental como um termo que engloba os níveis de qualidade de vida cognitiva e emocional, ou seja, que abrange os níveis de bem-estar psicológico, como também a ausência de doença mental.

Para Filho, Coelho e Perez (1999) o significado da saúde mental vai além da mera ausência de psicopatologias, portanto para se ter uma visão mais abrangente e significativa da saúde mental é necessário considerar fatores culturais, sociais e individuais, a concepção de saúde é totalizadora, transcende as tradicionais áreas de assistência à saúde.

A saúde mental representa um *socius* saudável, ou seja, um contexto social saudável, isso implica em ter satisfação no trabalho ou estudos, uma vida cotidiana significativa, participação social, tempo de lazer, qualidade e equidade nas relações sociais e qualidade de vida como um todo, nesta direção, o conceito de saúde mental está inegavelmente associado a emancipação do indivíduo e a ideia de promover liberdade e autonomia a este (Filho; Coelho; Perez, 1999).

A saúde mental, uma vez considerada não como um fenômeno exclusivamente individual ou isolado, mas como coletivo, social e cultural, implica que essas condições externas ao indivíduo acabam por ter um impacto significativo no bem-estar psicológico, nesse sentido, isso afeta de maneira considerável os indivíduos adolescentes, pois esses jovens se encontram imersos em contextos sociais, como a família, a escola e a comunidade, que conseqüentemente, têm uma influência na saúde mental deles.

Durante o percurso do desenvolvimento humano, a fase da adolescência desempenha um papel essencial na formação e preservação de comportamentos sociais

e emocionais fundamentais para a saúde mental. Assim, se não cuidarmos da saúde mental dos adolescentes, isso pode seguir afetando a vida adulta, prejudicando tanto o bem-estar físico quanto o emocional, e limitando suas chances no futuro, por isso, é essencial promover a saúde mental e prevenir problemas desde cedo para que os adolescentes possam se desenvolver e prosperar (OMS, 2021).

Nesse sentido a implementação de estratégias de prevenção precoce em saúde mental surge como um fator crítico não apenas para a atenuação de problemas psicológicos, mas também para a promoção do bem-estar dos indivíduos de maneira integral, estendendo-se à esfera da saúde de um modo geral e ao alcance de um desempenho acadêmico mais bem-sucedido, além disso, ao adotarmos essa abordagem preventiva podemos observar uma redução significativa na incidência de conflitos com a lei e privação de liberdade, este fenômeno evidencia um impacto positivo substancial na trajetória de vida dos indivíduos, reforçando a importância de investimentos contínuos e abrangentes em prevenção em saúde mental desde cedo na vida (Bordin; Paula, 2007).

Thiengo, Cavalcante e Lovisi (2014) afirmam que é fundamental reconhecer que as necessidades da população de adolescentes são distintas se comparado às de indivíduos adultos, os tipos de transtornos, os principais fatores de risco e proteção, as estratégias de intervenção e a organização do sistema de serviços para essa faixa etária têm suas especificidades e particularidades.

Uma característica peculiar dos adolescentes é fato de que o desenvolvimento e, conseqüentemente, as manifestações de problemas psicopatológicos e transtornos mentais nessa faixa etária são fortemente influenciados pelo ambiente do qual fazem parte, nesse sentido, dentre os fatores ambientais a família surge como um importante contexto no qual os adolescentes estão imersos, desempenhando um papel significativo no desenvolvimento e na manifestação de problemas e transtornos de saúde mental (Rhode *et al.*, 2000). Essa complexa interação entre o ambiente familiar e o desenvolvimento do adolescente, nos conduz a uma discussão sobre a natureza dos transtornos mentais que podem surgir durante essa fase crítica da vida.

2.2.1 Os transtornos de saúde mentais nos adolescentes

Os transtornos mentais são caracterizados como perturbações clinicamente significativas no pensamento, nas emoções ou comportamento, geralmente associadas a sofrimento ou prejuízo em áreas importantes do funcionamento, indicando uma

disfunção nos processos psicológicos, biológicos ou de desenvolvimento que são a base do funcionamento mental (DSM-5; Associação Americana de Psiquiatria, 2013). Embora pequenas mudanças nessas áreas da vida sejam consideradas normais, quando estas geram sofrimento significativo para a pessoa ou prejudicam consideravelmente sua vida cotidiana, são classificadas como distúrbios mentais ou problemas de saúde mental, podendo ser de caráter duradouro ou transitório (First, 2022).

Dados da OMS (2023) afirmam que, em 2019, aproximadamente 970 milhões de pessoas, o equivalente a 1 em cada 8 indivíduos globalmente, enfrentavam pelo menos um transtorno mental, sendo os transtornos de ansiedade e depressivos respectivamente os maiores números de diagnósticos, nesse mesmo ano, 301 milhões de pessoas viviam com transtorno de ansiedade, dos quais 58 milhões eram crianças e adolescentes, 280 milhões de pessoas viviam com depressão, dos quais 23 milhões eram crianças ou adolescentes. Já em 2020, a pandemia de COVID-19 provocou um aumento significativo no número de pessoas com transtornos de ansiedade e depressão, estimativas iniciais indicam crescimento de 26% a 28%, respectivamente, em apenas um ano, muitas delas sem acesso a cuidados eficazes (OMS, 2023).

De acordo com Silva (2012) aproximadamente 25% de todas as crianças e adolescentes enfrenta algum tipo de transtorno psiquiátrico. Essa elevada prevalência de transtornos mentais em adolescentes ao redor de todo o mundo tem levantado preocupações quanto aos impactos dessas condições na vida desses jovens, uma vez que a presença desses transtornos pode resultar em sérios prejuízos no funcionamento e no desenvolvimento desses indivíduos, afetando aspectos emocionais, comportamentais e sociais, bem como o desempenho acadêmico (OMS, 2001).

Nesse sentido, existe uma considerável necessidade de avaliação e intervenção por parte de profissionais da saúde mental para atender à demanda significativa de transtornos mentais e comportamentais na adolescência, os quais possuem um alto custo para a sociedade, além disso, muitos destes podem ser precursores de transtornos ainda mais incapacitantes em fases posteriores da vida (Rhode *et al.*, 2000).

Segundo a Associação Americana de Psicologia (APA, 2023a) a ansiedade se trata de uma emoção que se caracteriza por sentimentos de tensão, pensamentos que expressam preocupação e mudanças físicas. De acordo com a OMS (2021) o número estimado de adolescentes com algum transtorno de ansiedade chega a 4,1%.

Para indivíduos com transtornos de ansiedade, preocupações e pensamentos intrusivos recorrentes são comuns, muitas vezes levando à evitação de situações

temidas, além disso, sintomas físicos, como sudorese, tremores, tonturas e taquicardia podem acompanhar esse estado emocional, enquanto ansiedade e medo são frequentemente associados, eles se distinguem pela natureza da ameaça percebida: a ansiedade tende a ser uma resposta prolongada e focada no futuro, lidando com ameaças difusas, enquanto o medo possui caráter mais imediato e direcionado a uma ameaça claramente identificável (APA, 2023a).

Asbahr (2004) afirma que os transtornos de ansiedade estão entre os problemas psiquiátricos mais prevalentes entre crianças e adolescentes, cerca de até 10% dessa população é afetada por algum tipo desse transtorno, além disso, mais da metade dessa população experimentarão um episódio depressivo como parte de sua condição ansiosa. O entendimento dos sintomas de ansiedade pode ser influenciado significativamente pelo relacionamento inseguro que os filhos têm com seus cuidadores, a partir das reações dos pais e do tipo de vínculo estabelecido, o filho cria seu próprio modelo interno de enfrentamento das situações da vida (Assis *et al.*, 2007).

Em relação à depressão, a APA (2023b) afirma que se caracteriza por uma extrema sensação de tristeza ou desespero, persistente por um período prolongado. Essa condição pode afetar o funcionamento diário e manifestar-se através de sintomas físicos, como dores, alterações no peso, perturbações no sono ou falta de energia, além disso, as pessoas que vivenciam a depressão podem experimentar dificuldades de concentração, sentimentos de inutilidade ou culpa excessiva, juntamente com pensamentos recorrentes relacionados à morte ou suicídio (Fleming; Offord, 1990; OPAS, 2017).

Vale ressaltar que os transtornos depressivos são uma categoria de doenças com alta e crescente prevalência na população em geral, no caso dos adolescentes, a depressão costuma compartilhar sintomas semelhantes aos dos adultos, mas também exibe características fenomenológicas específicas para essa fase da vida, os adolescentes deprimidos em boa parte dos casos não estão constantemente tristes, é mais comum que estejam frequentemente irritáveis e instáveis, podendo incluir crises de explosão e raiva em seu comportamento (Bahls, 2002). Na população adolescente, o número de pessoas com transtornos depressivos é estimado em 2% (OMS, 2021).

A queixa de sintomas de depressão e ansiedade por parte dos adolescentes apontam para um sofrimento psíquico experienciado por eles e por seus familiares, isto justifica a importância de definir objetivos de tratamento considerando que os comportamentos e sintomas de um indivíduo são influenciados por suas interações

sociais ao mesmo tempo que as influenciam, dependendo dos contextos e processos em que estão inseridos (Grandesso, 2017). Considerando todos esses aspectos, evidencia-se a importância da família e das relações familiares como contexto privilegiado de desenvolvimento de crianças e adolescentes, influenciando no bem-estar emocional e na incidência de transtornos mentais.

2.2.2 As Influências da família e dos pais na saúde mental de adolescentes

A família destaca-se dentre os diversos fatores ambientais que influenciam no surgimento de transtornos mentais em adolescentes, principalmente o papel dos pais ou cuidadores nesse contexto. Segundo o Guia de saúde mental pós-pandemia no Brasil, da Universidade de Brasília (UNB, 2020), os pais desempenham um papel fundamental no manejo do estresse dos filhos, devendo reconhecer seus sinais e oferecer respostas acolhedoras e seguras, nesse sentido, permitir que os adolescentes enfrentem situações estressantes como oportunidades de aprendizado é essencial, tanto como enfatizar perspectivas positivas e a união familiar diante de desafios também contribui para o bem-estar desses indivíduos.

Segundo a OMS (2001), independentemente de qual seja a causa, um filho que não recebe afeto e que não vive um vínculo emocional por parte dos pais ou de seus cuidadores está mais propenso a apresentar transtornos mentais e problemas de comportamento, tanto durante a infância e adolescência, quanto em qualquer outro estágio posterior da vida, pois o comportamento humano é moldado, em parte, pelas interações com os ambientes, sejam naturais ou sociais, essas interações podem trazer consequências tanto positivas quanto negativas para os indivíduos.

De acordo com Magnani e Staudt (2018), a relação dos pais e cuidadores é um fator essencial para o desenvolvimento saudável dos filhos, para além de fatores físicos e biológicos, esse desenvolvimento é fortemente influenciado pelas primeiras relações e continuam ao longo do crescimento, a influência parental no desenvolvimento dos filhos é evidente, assim como a forma como a família administra seus estressores. Dessa maneira, relações de qualidade contribuem para o desenvolvimento emocional, social e adaptativo, além de oferecer fatores protetivos, sendo importante que se tenha um foco nas relações parentais principalmente na fase da adolescência, pois é um período intenso de descobertas e formação da identidade (Magnani; Staudt, 2018).

Uma vez que os pais desempenham um papel central na vida dos adolescentes, a maneira como eles se comportam e se relacionam com os filhos acaba por influenciar

a ocorrência e a persistência dos sintomas de transtornos mentais, eles podem desempenhar um papel tanto no surgimento quanto na manutenção desses sintomas, no entanto, é importante destacar que a família também pode ser uma fonte de proteção, os pais têm potencial de serem fatores protetivos, contribuindo para o bem-estar emocional e psicológico do adolescente (Remus, 2020).

2.2.3 Os estilos parentais na saúde mental de adolescentes

Segundo Weber *et al.* (2004), cada indivíduo recebeu uma educação que desempenhou um papel importante em seu desenvolvimento e para que simplesmente sejam do jeito que são, nesse sentido, o estudo dos estilos parentais se concentra na educação dos filhos de maneira objetiva, analisando os comportamentos dos pais que geram um clima emocional em que ocorrem as interações pais-filhos, tomando como base a influência dos pais nos aspectos comportamentais, emocionais e intelectuais dos filhos.

Partindo de um olhar baseado nas teorias cognitivistas, em que o indivíduo em desenvolvimento é considerado como um processador ativo de estímulos, na qual a aprendizagem ocorre a partir da experiência, podemos explorar o trabalho de Diana Baumrind. (Estevam, 2021). A partir de suas pesquisas, Baumrind (1966) desenvolveu um modelo de classificação dos pais, dividindo-os em três protótipos de controle: autoritativo, autoritário e permissivo.

Baumrind (1966) caracteriza os pais autoritativos como possuidores de uma abordagem educacional equilibrada e orientada para a racionalidade, eles valorizam o diálogo e compartilham o pensamento por trás de suas ações com seus filhos, além disso, estão abertos a ouvir as objeções dos filhos quando discordam e exercem firmeza nos pontos de divergência, mas sem restringir sua liberdade, eles reconhecem os interesses e peculiaridades individuais dos filhos e suas decisões não são pautadas exclusivamente em consensos ou desejos infantis.

Os pais com estilo autoritário são caracterizados por modelar, controlar e avaliar o comportamento dos filhos seguindo regras rígidas e muitas vezes absolutas, eles valorizam a obediência como uma virtude e tendem a recorrer a medidas punitivas para lidar com situações em que o comportamento da criança entra em conflito com suas próprias crenças sobre o que é certo (Baumrind. 1966).

Por fim, os pais com estilo permissivo adotam uma postura não punitiva e aberta em relação aos desejos e ações da criança, eles se apresentam como um recurso

para a realização dos desejos delas, em vez de atuarem com o objetivo de moldar ou direcionar seu comportamento (Baumrind, 1966).

Posteriormente, os pesquisadores Maccoby e Martin (1983) aprimoraram a ideia do estilo parental permissivo, dividindo-o em duas variações: indulgente e negligente, eles chegaram a essa conclusão ao analisar dois aspectos principais: o quanto os pais esperam das crianças (exigência) e quão sensíveis eles são às necessidades das crianças (responsividade).

A partir dessa nova visão de Maccoby e Martin (1983), os tipos de estilos parentais ficaram definidos como: os pais autoritários estabelecem muitas regras, mas não se mostram muito atentos às necessidades dos filhos; os pais indulgentes/permissivos são bastante sensíveis aos desejos dos filhos, mas não são muito rígidos nas regras; os pais autoritativos equilibram a exigência com a responsividade, criando expectativas claras e ao mesmo tempo se mostrando abertos às necessidades razoáveis dos filhos; os pais negligentes não têm muitas regras nem são muito atentos às necessidades, frequentemente evitando situações desconfortáveis e respondendo superficialmente aos pedidos imediatos das crianças (Weber *et al.*, 2004).

Nesse contexto, para que os pais desempenhem um papel educativo e contribuam para a saúde mental de seus filhos, é importante que se faça o equilíbrio entre os estilos parentais de exigência e responsividade. Isso envolve investimento na autoridade, eventualmente advindo da sabedoria e experiência de vida, além disso, é essencial criar oportunidades de diálogo e orientação que não somente informem os pais sobre as mudanças que ocorrem na faixa etária dos seus filhos, mas também ressaltem o papel parental na educação dos adolescentes. Por fim, é interessante a criação de espaços que permitam a compreensão mútua entre pais e filhos, buscando o fortalecimento da autoridade parental para um funcionamento familiar saudável (Rinhel-Silva; Constantino; Rondini, 2012).

Cid, Matsukura e Cia (2015) destacam que os estilos parentais negativos adotados pelos pais ou cuidadores com os filhos no dia a dia emergem como importantes fatores de risco para o surgimento de dificuldades relacionadas à saúde mental dos filhos. Paralelamente a isso, a existência de regras e responsabilidades compartilhadas, esclarecidas e seguidas por todos os membros da família mostrou-se como um fator de proteção à saúde mental, pois este aspecto está relacionado à habilidade dos filhos em cultivar comportamentos pró-sociais, influenciando

positivamente seu relacionamento com os outros e seu próprio desenvolvimento e bem-estar.

Considerando as reflexões abordadas até este ponto, torna-se clara a importância de investigar a relação entre os estilos parentais e a saúde mental dos adolescentes, aprofundando a compreensão acerca dos efeitos desses fatores, alinhando-se com os objetivos desta pesquisa delineados a seguir.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Analisar o impacto dos estilos parentais na saúde mental dos adolescentes considerando manifestações dos principais transtornos mentais: transtornos de ansiedade e transtornos depressivos, a partir de artigos publicados nos últimos 5 anos.

3.2 Objetivos específicos

- Descrever, a partir da literatura, como os aspectos das práticas parentais se relacionam com os transtornos mentais citados, na população adolescente;
- Explorar as informações acerca da saúde mental de adolescentes de acordo com as publicações analisadas.

4 METODOLOGIA

Para atender ao objetivo deste estudo, foi conduzida uma revisão sistemática da literatura em que foram examinados artigos científicos que abordam a relação entre os estilos parentais e a saúde mental de adolescentes. Segundo Galvão e Ricarte (2019), as revisões da literatura são trabalhos que fornecem uma análise abrangente da literatura abordando temas específicos, são pesquisas científicas independentes, que possuem seus próprios objetivos, problemas de pesquisa, metodologia, resultados e conclusão, sendo assim, uma pesquisa completa e autônoma.

4.1 Procedimentos metodológicos

Como estratégia de busca para esta pesquisa foram utilizados descritores em três idiomas: português, inglês e espanhol. A busca foi realizada no portal de periódicos da CAPES através do acesso CAFE e contemplava todas as bases de dados disponíveis neste portal de periódicos, utilizando o descritor "estilo parental" e suas respectivas traduções, combinado com os descritores "ansiedade", "depressão" e "adolescente", bem como seus correspondentes em inglês e espanhol, ou seja, foram realizadas três buscas: estilo parental, ansiedade, depressão e adolescente; *parenting style, anxiety, depression and adolescent; estilos parentales, ansiedad, depresión y adolescente*. A combinação dos termos foi realizada utilizando o operador booleano "and".

4.2 Critérios para seleção dos estudos

Os critérios de inclusão estabelecidos correspondem a: artigos científicos de pesquisa de campo; ter sido publicado nos últimos 5 anos; artigos que contenham informações relevantes para corresponder os objetivos da pesquisa.

Foram aplicados critérios de exclusão para filtrar os estudos que não atendem aos requisitos estabelecidos: artigos que não estavam disponíveis gratuitamente na versão completa; as pesquisas que tinham amostras em idade completamente fora da faixa etária buscada pelo presente artigo (10 aos 19 anos); artigos que após a leitura do título, resumo e texto completo não oferecerem informação relevante para os objetivos do trabalho.

4.3 Critérios de análise dos estudos

Uma vez concluída a fase de busca e de reunião dos artigos, procedeu-se a análise desses materiais, em conformidade com os parâmetros de inclusão e exclusão predefinidos. Após a seleção com base nesses critérios, em seguida foi realizada uma leitura aprofundada do material escolhido, cujos detalhes pertinentes foram registrados em uma planilha resumida (anexada), contendo informações abrangentes sobre os seguintes elementos: título, ano, objetivos, país, amostra, metodologia, principais resultados, temas abordados e referência (Santos; Silva, 2022).

Posteriormente, seguiu-se uma etapa em que as informações coletadas foram resumidas e analisadas de forma objetiva e crítica, reunindo e discutindo as informações de maior relevância para os objetivos do presente estudo, que foram obtidas ao longo do processo de revisão. Isso tem como meta entender como o material analisado contribui para a compreensão do tema no qual este estudo se comprometeu a pesquisar. Sendo os resultados apresentados nos seguintes subtópicos: resultados da seleção de estudos; visão de estilos parentais dos estudos; impacto dos estilos parentais na saúde mental de adolescentes. A análise foi realizada com base nas seguintes categorias emergentes dos dados: relação dos estilos parentais com ansiedade e depressão de adolescentes; aspectos da saúde mental de adolescentes; aspectos dos estudos abordados.

5 RESULTADOS

5.1 Resultados da seleção de estudos

Após realizarmos a busca nas bases de dados, identificamos um total de 191 resultados, sendo 186 provenientes da busca dos termos em inglês e 5 dos termos em espanhol, sendo que a busca pelos termos na língua portuguesa não encontrou nenhum resultado. Em seguida, conduzimos uma triagem para eliminar artigos duplicados entre os resultados das buscas pelos termos, resultando em 189 trabalhos, destes 1 fora eliminado por não se tratar de um artigo, restando 188 artigos para a leitura dos títulos e resumos. Durante essa etapa, excluímos 157 estudos cujos títulos e resumos não estavam alinhados com os objetivos e/ou critérios da pesquisa, dentre eles, 8 foram excluídos por não se tratar de uma pesquisa de campo.

Prosseguimos com a leitura dos 23 artigos restantes, excluindo 7 estudos por não preencherem os critérios desta pesquisa, principalmente por se tratar de outra faixa etária nas amostras, tendo como resultado 16 artigos alinhados com o objetivo e o tema da pesquisa. Alguns destes estudos incluem crianças em suas amostras (a partir de 8 anos), no entanto, foram mantidos nos resultados devido à inclusão de adolescentes, sendo abordados com uma perspectiva que, considera e traz dados também sobre adolescentes. Esse processo é ilustrado na tabela 1 a seguir:

Tabela 1

Etapas	Trabalhos excluídos	Trabalhos aderentes
Arquivos identificados após buscas dos descritores nas bases de dados nos últimos 5 anos	0	191
Trabalhos excluídos por estarem repetidos	2	189
Trabalhos excluídos por não se tratar de artigo científicos	1	188
Trabalhos excluídos por serem outras revisões sistemáticas	8	180
Trabalhos excluídos após a leitura de títulos e resumos e aplicado os critérios de exclusão e inclusão	157	23
Trabalhos excluídos após leitura na íntegra e não se alinharem com os objetivos e/ou critérios desta pesquisa	7	16
Estudos incluídos nesta revisão de literatura	0	16

Portanto, para a realização da análise no presente trabalho, foram incorporados 16 artigos, e a tabela 2 apresenta as características fundamentais dos estudos escolhidos para a análise.

Tabela 2

Autor/ano	Objetivo	Idade	Localização
-----------	----------	-------	-------------

Romero-Acosta <i>et al.</i> (2020)	Explorar as percepções das práticas parentais numa amostra de crianças colombianas e analisar as possíveis associações diretas e interativas de sexo, idade e estilos parentais com depressão e ansiedade.	8 a 13 anos	Colômbia
Lacomba-Trejo (2021)	Analisar a presença de sintomas ansiosos e depressivos, bem como avaliar os estilos parentais percebidos por adolescentes com baixa estatura.	9 a 17 anos	Espanha
Seemi <i>et al.</i> (2023)	Avaliar a associação de gênero, estilo parental, hábito alimentar e tempo de tela com o nível de ansiedade entre adolescentes escolares em três áreas periurbanas de Karachi, Paquistão.	10 a 19 anos	Paquistão
Ren <i>et al.</i> (2023)	Explorar como vários aspectos (quantidade e qualidade) dos comportamentos parentais operam em combinação para influenciar os ajustes dos adolescentes.	10 a 18 anos	China
Wang <i>et al.</i> (2021)	Explorar a percepção dos subtipos parentais das crianças de pais deprimidos e explorar melhor a associação entre os subtipos parentais e a depressão e ansiedade das crianças.	8 a 16 anos	China
Sanjeevan; De Zoysa (2018)	Avaliar a associação entre o estilo parental percebido na depressão, ansiedade e estresse entre adolescentes falantes de tâmil na cidade de colombo.	15 a 18 anos	Sri Lanka
Qiu <i>et al.</i> (2022)	Explorar os efeitos de interação entre os padrões de estilo parental e resiliência sobre sintomas depressivos/ansiosos entre estudantes do ensino médio na china.	Ensino médio	China
Tang; Lyu; Xu. (2022)	Examinar a associação entre parentalidade baseada em força e depressão e o papel indireto da regulação emocional.	Ensino médio	China
Rakhshani <i>et al.</i> (2022)	Investigar o efeito do treinamento de habilidades parentais sobre ansiedade e depressão em meninas adolescentes de 12 a 16 anos.	12 a 16 anos	Irã
Nieto-casado <i>et al.</i> (2022)	Investigar o papel mediador do mindfulness adolescente na associação entre competências parentais, sintomas depressivo-ansiosos e ideação suicida.	12 a 17 anos	Espanha
Eun <i>et al.</i> (2018)	Examinar associações entre estilo parental e transtornos mentais do último ano em uma pesquisa transversal representativa nacionalmente com adolescentes dos EUA.	13 a 18 anos	Estados unidos
Tang <i>et al.</i> (2017)	Examinar o papel mediador da autocognição negativa na associação entre pais severos e depressão adolescente e se a aceitação dos pares moderou essa relação indireta.	Média 13,58 anos	China
Iselin <i>et al.</i> (2022)	Este estudo examinou caminhos longitudinais específicos de gênero, desde a educação severa, passando pela ruminação, até os sintomas de ansiedade	10, 12 e 13 anos	Itália, Estados Unidos e Colômbia

	e depressão entre jovens adolescentes de três países e seis subgrupos.		
Haque <i>et al.</i> (2023)	Investigar a prevalência e os fatores associados da depressão, ansiedade e stress entre adolescentes de Bangladesh durante a pandemia covid-19.	14 a 19 anos	Bangladesh
La <i>et al.</i> (2023)	Explorar a correlação entre estilos parentais e problemas mentais entre estudantes vietnamitas do ensino médio.	15 a 18 anos	Vietnã
Leung (2020)	Examinar a relação entre a parentalidade excessiva e bem-estar de adolescentes chineses em Hong Kong.	Média de 12,63 anos	China

Como mostrados na tabela 2, os 16 estudos selecionados para esta revisão de literatura abrangem uma variedade de países e continentes. A maioria dos estudos, 68,75% foi conduzida na Ásia, com a China representando 54,54% destes. Além disso, 2 dos estudos foram realizados utilizando amostras da América do Sul (ambos na Colômbia), 3 da Europa (2 na Espanha e 1 na Itália), e 2 da América do Norte (ambos nos Estados Unidos). É importante destacar que entre os estudos selecionados, apenas o estudo de Iselin *et al.* (2022) utilizou amostras de mais de um país, coletadas na Itália, Colômbia e Estados Unidos, ou seja, trata-se de um estudo transcultural.

Os 16 trabalhos selecionados foram publicados entre 2017 e 2023. Nos anos iniciais, apenas 1 estudo foi publicado em 2017, e 2 estudos em 2018, notavelmente, não houve nenhum estudo incluído no ano de 2019. Em 2020 e 2021, o número de publicações permaneceu em 2 cada ano. No entanto, ocorreu um aumento significativo em 2022, com 5 estudos publicados, e essa tendência continuou em 2023, tendo 4 artigos publicados.

Dentre os estudos selecionados, a maioria (81,25%) abordou tanto a ansiedade quanto a depressão em conjunto, por outro lado, uma parcela menor de estudos (12,5%) focou exclusivamente na depressão (Tang; Lyu; Xu, 2022; Tang *et al.*, 2017). Apenas Seemi *et al.* (2023) abordou a ansiedade de maneira isolada.

Em relação à idade dos participantes, alguns estudos forneceram informações detalhadas, enquanto outros foram menos específicos. Como no caso de Qiu *et al.* (2022) e Tang, Lyu e Xu (2022) que não revelaram a idade exata dos participantes, mencionando apenas que eles estavam no ensino médio, isso sugere que os participantes eram adolescentes, portanto aceitos nessa análise, porém a faixa etária exata não foi especificada.

Da mesma forma, Tang *et al.* (2017) e Leung (2020) relataram apenas a média de idade, que embora forneçam uma indicação da faixa etária dos participantes, ainda

carece de um intervalo de idade que não está completamente esclarecido. Em contrapartida Iselin *et al.* (2022) realizaram um estudo longitudinal, em que os dados foram coletados em três pontos diferentes no tempo, quando os participantes tinham 10, 12 e 13 anos.

Em relação ao gênero dos participantes, a maioria dos estudos incluiu amostras de ambos os sexos. No entanto, é importante destacar que apenas o estudo de Rakhshani *et al.* (2022) utilizou uma amostra composta exclusivamente por participantes do sexo feminino.

5.2 Visão de estilos parentais dos estudos

Apenas 3 dos artigos considerados nesta revisão trazem claramente a visão de Baumrind sobre os estilos parentais, ou seja, classificam os estilos parentais como autoritativo, autoritário, permissivo e negligente (Rakhshani *et al.*, 2022; Romero-Acosta *et al.* 2021; Sanjeevan; De Zoysa, 2018). No entanto, outros artigos abordam práticas, conceitos ou terminologias que, ou divergem ou se encaminham no sentido das definições tradicionais de Baumrind, todavia é possível identificá-los e classificá-los nos estilos parentais proposto pela autora, utilizando-se como parâmetro a exigência e responsividade.

18,75% dos estudos se preocuparam apenas em investigar os impactos de um único estilo parental na saúde mental dos adolescentes. O estudo de Tang, Lyu e Xu (2022) focou na “parentalidade baseada na força”, muito associada com o estilo parental autoritativo, por outro lado, o estudo de Iselin *et al.* (2022) investigou a “disciplina materna dura”, que foi associada ao estilo parental autoritário, por fim, o estudo de Leung (2020) examinou a “parentalidade excessiva”, que diz respeito a um estilo de parentalidade no qual os pais estão excessivamente envolvidos na vida de seus filhos, muitas vezes tomando decisões por eles e resolvendo problemas em seu lugar, associando-se a um estilo parental superprotetor.

5.3 Impacto dos estilos parentais na saúde mental de adolescentes

Em relação ao estilo parental autoritativo, 93,75% dos estudos revisados, em seus resultados sugerem que este estilo ou suas práticas caracterizadas por alto envolvimento, calor emocional, comunicação eficaz e promoção da autonomia, está associado a menores níveis de ansiedade e depressão nos filhos, sendo, portanto, frequentemente associado a resultados mais positivos para a saúde mental dos

adolescentes (Eun *et al.*, 2018; Haque *et al.*, 2023; Iselin *et al.*, 2022; Lacomba-Trejo, 2021; La *et al.*, 2020; Nieto-Casado *et al.*, 2022; Qiu *et al.*, 2022; Rakhshani *et al.*, 2022; Ren *et al.*, 2023; Romero-Acosta *et al.*, 2021; Sanjeevan; De Zoysa, 2018; Seemi *et al.*, 2023; Tang *et al.*, 2017; Tang; Lyu; Xu, 2022; Wang *et al.*, 2021).

Um único estudo apresentou resultados sobre o estilo parental permissivo, Romero-Acosta *et al.* (2021), em que foi observado que crianças que relataram a adoção de estilos parentais tanto permissivos quanto autoritativos por parte de seus pais apresentaram pontuações mais baixas na escala de depressão em comparação com aquelas cujos pais adotavam um estilo autoritário.

Nenhum dos estudos analisados demonstrou citar o estilo parental autoritário como positivo para a saúde mental dos adolescentes, pelo contrário, em todos os estudos que abordaram este estilo parental, ou práticas associadas ao estilo autoritário ou uma parentalidade rígida, marcada por uma exigência alta e baixa responsividade, evidenciaram associações a níveis mais altos tanto de ansiedade quanto de depressão, sugerindo que pode ser um forte fator de risco para a saúde mental dos adolescentes (Eun *et al.*, 2018; Haque *et al.*, 2023; Iselin *et al.*, 2022; Lacomba-Trejo, 2021; La *et al.*, 2020; Qiu *et al.*, 2022; Romero-Acosta *et al.*, 2021; Seemi *et al.*, 2023; Tang *et al.*, 2017; Wang *et al.*, 2021).

O estilo parental negligente, caracterizado por baixa exigência e baixa responsividade, também foi frequentemente associado a resultados negativos para a saúde mental dos adolescentes. Os resultados indicaram que filhos de pais com comportamentos negligentes apresentaram pontuações mais altas em sintomas de depressão, este padrão é observado em 5 estudos diferentes, destacando uma consistência nesses resultados (Haque *et al.*, 2023; Ren *et al.*, 2023; Romero-Acosta *et al.*, 2021; Sanjeevan; Zoysa, 2018; Wang *et al.*, 2021).

Já os resultados do estilo parental negligente em relação a ansiedade possuem algumas nuances, enquanto Ren *et al.*, (2023) e Wang *et al.* (2021) convergem ao destacar uma associação entre o estilo parental negligente e níveis elevados de ansiedade. No entanto, os trabalhos de Haque *et al.* (2023) e Sanjeevan e Zoysa (2018) divergem dessas conclusões ao não observar nenhum um efeito significativo do estilo parental negligente sobre a ansiedade.

6 DISCUSSÃO

O presente trabalho objetiva analisar o impacto dos estilos parentais na saúde mental dos adolescentes e ao mesmo tempo descrever como os aspectos dos estilos parentais se relacionam com os transtornos mentais citados nesta população, enquanto explora as informações acerca da saúde mental de adolescentes de acordo com as publicações analisadas. Buscando responder a esses objetivos, a seguir será apresentada a discussão dos resultados com base nas seguintes categorias de análise: relação dos estilos parentais com ansiedade e depressão de adolescentes; aspectos da saúde mental de adolescentes; aspectos dos estudos encontrados.

Na primeira categoria de análise, que aborda a relação dos estilos parentais com ansiedade e depressão de adolescentes, é importante ressaltar que a parentalidade é um fenômeno complexo e multifacetado que não pode ser totalmente abrangido por um modelo ou conjunto de categorias completamente fechado, nesse sentido, os estilos parentais de criação dos filhos não são restritos a uma única maneira fixada, na realidade, cada estilo é uma mistura integrada e dinâmica de várias práticas (Qiu *et al.*, 2022). Além disso, o impacto dos estilos parentais no bem-estar das crianças e adolescentes podem variar dependendo de diversos fatores, incluindo o contexto cultural, a idade, o gênero, entre outros (Rakhshani *et al.*, 2022).

A parentalidade é um fenômeno construído a partir de uma variedade de componentes, alguns desses são coletivos e pertencem à sociedade como um todo, mudando ao longo do tempo e abrangendo aspectos históricos, jurídicos, sociais e culturais, enquanto outros componentes são mais pessoais e pertencem aos pais enquanto indivíduos. Nesse sentido, a função parental é moldada tanto por elementos sociais e culturais quanto por fatores individuais, os elementos culturais desempenham um papel preventivo, permitindo que os pais antecipem o que significa tornar-se pai ou mãe e, se necessário, atribuam sentido aos eventos cotidianos na relação com os filhos, prevenindo a ocorrência de sofrimento (Moro; Berliner, 2017).

Em relação ao estilo parental autoritativo, o estudo de Romero-Acosta *et al.* (2021) afirma que crianças cujos pais adotavam um estilo autoritativo relataram menor pontuação na escala de depressão em comparação com aquelas cujos pais adotavam um estilo autoritário. Neste mesmo sentido, os resultados apontam que os filhos de pais com estilo autoritativo e que possuem práticas de autonomia e de cuidado com

eles apresentavam os níveis mais baixos tanto de depressão, quanto de ansiedade. (Sanjeevan; De Zoysa, 2018; Wang *et al.*, 2021)

Foi observado em conjunto que filhos de pais com um estilo mais caloroso exibiam menores taxas de sintomas de ansiedade e depressão, nesse sentido, um estilo parental baseado em alto nível de calor emocional, carinho e empatia mostrou-se correlacionado negativamente com sintomas desses transtornos, configurando-se como um fator de proteção (Qiu *et al.*, 2022).

Durante a pandemia de COVID-19, a parentalidade autoritativa, considerada como parentalidade positiva para Haque *et al.* (2023) exibiu uma associação negativa substancial com a depressão, isso sugere que o estilo parental pode desempenhar um importante papel na saúde mental dos adolescentes durante períodos de estresse, instabilidades e incertezas, como foi no delicado período de isolamento social, onde pais autoritativos foram um forte fator de prevenção de transtornos mentais em seus filhos, principalmente adolescentes.

Vale ressaltar o forte papel da interação familiar no bem-estar psicológico do adolescente, pois toda sociedade atribui aos pais o papel de maior responsabilidade da criação e a família constitui o principal contexto de desenvolvimento dos filhos, principalmente quando o tempo de interação entre eles se torna maior, como ocorre em períodos de isolamento social (Lahikainen; Tolonen; Kraav, 2008).

Nesse contexto, Tang, Lyu e Xu (2022) nos apresentam o conceito de parentalidade baseada na força, que diz respeito a um estilo de parentalidade onde os pais focam na força e nos pontos fortes e positivos dos seus filhos, concentrando-se nas habilidades e virtudes dos adolescentes, seguindo no sentido da parentalidade considerada positiva e do estilo parental autoritativo. Os principais achados deste estudo sugerem que a parentalidade baseada na força pode, de fato, prever significativamente a diminuição dos níveis de depressão, o que nos sugere que quando os pais reconhecem e incentivam os pontos fortes de seus filhos, ao mesmo tempo em que buscam aumentar a autonomia deles, isso pode ajudar a reduzir os sintomas de depressão nos adolescentes (Tang; Lyu; Xu, 2022).

As competências parentais, que são representadas por fatores como calor parental, comunicação familiar e apoio à autonomia, que correspondem à práticas e construtos do estilo parental autoritativo, quando presentes de maneira robusta nos cuidadores, demonstraram uma correlação negativa com os sintomas depressivos-ansiosos, ou seja, de uma maneira significativa, a presença de boas habilidades

parentais e um bom manejo da comunicação com os filhos foi associada a níveis inferiores desses sintomas nos adolescentes (Nieto-Casado *et al.*, 2022).

Neste sentido, o estilo parental autoritativo é visto como promotor de saúde mental para os filhos e como um forte fator de proteção contra sintomas e manifestações tanto de ansiedade quanto de depressão, tais como outros transtornos ou perturbações de saúde mental.

Em relação ao estilo parental permissivo, apenas Romero-Acosta *et al.* (2021) trouxe resultados, no qual apresentou correlação negativa com a depressão tanto quanto o estilo autoritativo, ou seja, foi considerado um estilo positivo à saúde mental, porém sem o fator promoção de autonomia, o que nos indica que o estilo autoritativo se sobressai, principalmente no longo prazo, pois pela sua configuração, pode trazer mais benefícios na vida adulta.

A escassez de resultados sobre o estilo parental permissivo pode ser atribuída ao fato de que este estilo foi o menos adotado. Nos estudos analisados, o estilo permissivo, tais como as práticas parentais que envolvem alta permissividade e responsividade às necessidades dos filhos, aparecem de maneira muito pouco frequente. Uma hipótese para essa observação pode ser o possível viés na percepção dos filhos, pois dependendo do contexto, os adolescentes podem tender a ver seus pais de uma maneira mais negativa, sem reconhecer de maneira fiel os traços de responsividade deles. Em outras palavras, mesmo que os pais sejam permissivos, os filhos podem não perceber essas características tão claramente devido a suas próprias expectativas, resultando em uma subnotificação do estilo parental permissivo nos estudos.

Em relação ao estilo parental negligente, os resultados apresentados exibem um maior espectro de variação a depender do transtorno abordado. Dentre os achados de Romero-Acosta *et al.* (2021), os testes de post-hoc de Bonferroni indicaram que alunos cujos pais usavam um estilo parental negligente relataram pontuações médias de ansiedade generalizada significativamente mais baixas em relação aos outros estilos.

Neste mesmo contexto o artigo de Ren *et al.* (2023) descobriu que filhos de pais que tinham um estilo de negligência sem envolvimento, ou seja, onde os pais passam pouquíssimo ou nenhum tempo se envolvendo em atividades interativas com seus filhos, apresentaram níveis mais baixos de sintomas de ansiedade, mas se manteve neutro em relação à sintomas de depressão. Nesse sentido é possível que em alguns

contextos, outros estilos parentais podem parecer ser tão eficazes quanto o estilo autoritativo. Porém vale ressaltar que esse resultado de baixa correlação com práticas que envolvem má supervisão dos filhos foi obtido apenas em níveis de ansiedade e tendem a não se repetir quando se aborda sintomas de outros transtornos (Ren *et al.* (2023).

Ao mesmo tempo em que os últimos dois estudos citados apresentaram correlações negativas entre estilos negligentes e sintomas de ansiedade, o mesmo resultado não se repete quando a negligência dos pais está associada com a presença de intrusividade, ou seja, pais negligentes que, apesar disso, invadem ou intrometem nas escolhas, na privacidade ou na individualidade de seus filhos, apresentaram maiores níveis tanto de ansiedade quanto de depressão dentre todos os estilos analisados (Wang *et al.*, 2021).

Em relação ao estilo negligente e os sintomas de transtornos depressivos, os resultados não foram considerados positivos em nenhum caso. Por exemplo Haque *et al.* (2023) descobriram que a negligência e a má supervisão parental tiveram uma relação positiva com a depressão, ao mesmo tempo em que Sanjeevan e De Zoysa (2018) encontraram no contexto que pesquisaram que dentre todos os estilos, os filhos de pais com estilo negligente apresentaram o nível mais alto de depressão.

Os resultados indicaram que filhos de pais com comportamentos negligentes apresentaram pontuações mais altas em sintomas de depressão, este padrão é observado em 5 estudos diferentes, destacando uma consistência nesses resultados (Haque *et al.*, 2023; Ren *et al.*, 2023; Romero-Acosta *et al.*, 2021; Sanjeevan; Zoysa, 2018; Wang *et al.*, 2021).

Em relação ao estilo parental autoritário, este manifesta uma associação recorrente com sintomas tanto de ansiedade quanto de depressão, sendo o estilo parental mais associado e mais citados em resultados negativos. Adolescentes cujos pais adotam um estilo autoritário tendem a ter pontuações mais altas na escala de depressão enquanto este estilo também desempenha um papel significativo no aumento dos níveis de ansiedade, mostrando clara associação com sintomas desses transtornos (Eun *et al.*, 2018; Romero-Acosta *et al.*, 2021; Seemi *et al.*, 2023; Qiu *et al.*, 2022).

Um estudo conduzido na Espanha com crianças e adolescentes com baixa estatura também encontrou os mesmos resultados, associando fortemente o estilo autoritário à manifestação de sintomas de depressão e ansiedade nessa amostra, assim

podemos ver que esses resultados tendem a se repetir em diferentes contextos (Lacomba-Trejo, 2021).

Neste mesmo sentido, Tang *et al.* (2017) sugerem que a parentalidade do tipo severa, marcada por muita exigência e pouca responsividade pode contribuir para a auto cognição negativa dos adolescentes, influenciando os filhos a entrarem em um estado cognitivo e uma visão de si mesmos mais negativos, conseqüentemente, afetando os níveis de transtornos depressivos na adolescência.

Já Iselin *et al.* (2022) encontrou que a disciplina materna dura, ou seja, marcada por comportamentos autoritários, pode levar a um aumento nos sintomas de ansiedade e depressão nas filhas, indicando que este resultado negativo em torno do estilo parental autoritário tende a se repetir independente do gênero dos pais e dos filhos.

Devido a apresentação de correlações positivas com sintomas ansiosos-depressivos, o estilo autoritário se estabelece como um forte fator de risco à saúde mental dos adolescentes (Qiu *et al.*, 2022). Numa visão geral, todos os resultados convergem no sentido de o estilo autoritário ser considerado como prejudicial à saúde mental dos adolescentes, sendo abordado como o pior em todos os estudos que o mencionaram, com exceção dos resultados de Sanjeevan e De Zoysa (2018) em que foi superado pelo estilo negligente, se tratando especificamente de sintomas de depressão.

Em relação a outros estilos identificados, tomando como base as compreensões aqui discutidas acerca dos estilos, a dinâmica da parentalidade pode ser mais complexa do que as categorias tradicionais sugerem. Muito embora não se encaixe nos estilos parentais propostos por Baumrind, existem também pais e responsáveis que podem ser caracterizados como "superprotetores", ou seja, com um estilo parental superprotetor, baseado em excesso de proteção e baixa promoção da autonomia, que vai no sentido contrário ao incentivo à independência, muito observada no estilo autoritativo, pais superprotetores tendem a supervisionar demasiadamente seus filhos, invadindo sua privacidade e os privando de tomar suas próprias escolhas (Leung, 2020).

La *et al.* (2020) descobriram que os adolescentes cujos pais demonstravam uma superproteção elevada enfrentaram maiores dificuldades mentais, incluindo sintomas de depressão e ansiedade mais significativos em comparação com aqueles cujos pais eram menos superprotetores. Neste sentido os estudantes que experimentaram menos superproteção parental apresentaram um menor risco de enfrentar problemas de saúde

mental em comparação com aqueles cujos pais demonstravam uma superproteção elevada (La *et al.*, 2020).

Leung (2020) conduziu um estudo apenas investigando o estilo superprotetor dos pais de adolescentes, dentre os seus resultados, descobriu-se que o estilo superprotetor das mães foi associado a níveis mais altos de ansiedade e depressão nos filhos. No caso dos pais, a superproteção interagiu com conflitos pai-filho, indicando uma relação positiva com níveis mais elevados de conflito, o que, em cadeia, também contribuiu para a ansiedade e depressão dos adolescentes, surpreendentemente, a superproteção materna teve um efeito negativo na depressão de adolescentes em famílias não intactas, mas, em famílias intactas, essa relação foi positiva (Leung, 2020).

Os resultados sobre o estilo superprotetor, assim como o estilo negligente parecem possuir uma maior amplitude de variação, o que pode nos indicar que esse estilo sofre mais influências externas, como por exemplo pelo contexto sociocultural. Quando associados com má supervisão, indiferença e com comportamentos de frieza onde raramente apreciam ou elogiam seus filhos, pais que se utilizam de estilos parentais marcados pela superproteção não demonstraram associação com sintomas de depressão e ansiedade nos filhos adolescentes (Wang *et al.*, 2021).

No entanto, os estilos parentais são dinâmicos apesar de todas as classificações, e é importante lembrar que os estilos parentais podem ser mais complexos do que as categorias tradicionais sugerem, portanto, os estilos parentais não são fechados e rígidos, logo são passíveis de serem alvo de intervenções. Nesse sentido Frota *et al.* (2023) afirma que as ações direcionadas à parentalidade com o objetivo de promover a saúde mental infantil e adolescente demonstram eficácia ao capacitar os pais para enfrentar os desafios comportamentais de seus filhos.

A pesquisa iraniana de Rakhshani *et al.* (2022) mostrou que após intervenções feitas através de mensagens de *WhatsApp*, os estilos dos pais tenderam a se tornar menos autoritários e mais responsivos às necessidades dos filhos e isso reduziu as pontuações de depressão e ansiedade em meninas que possuíam estes diagnósticos, num intervalo de 6 meses, demonstrando que as intervenções que objetivam modificar os estilos parentais para a adoção de práticas e de um estilo mais funcional para um determinado contexto podem ter um impacto positivo na saúde mental dos adolescentes, mesmo em pouco tempo (Rakhshani *et al.*, 2022).

Por fim, vale destacar que a educação parental não se destina exclusivamente a pais que enfrentam desafios em suas habilidades parentais devido a alguma circunstância pessoal ou condições adversas externas, os programas de formação e treinamento parental surgem como excelentes oportunidades para elevar os níveis de conhecimento, como também para aprimorar as competências educativas parentais (Abreu-Lima *et al.* 2010).

No que diz respeito à segunda categoria de análise, que trata dos aspectos da saúde mental de adolescentes, observa-se que apesar de os estudos não oferecerem uma definição ou contextualização do que entendem por saúde mental de maneira clara, a predominância de artigos menciona uma concepção baseada na ausência de sintomas que prejudicam o bem-estar psicológico ou causam algum sofrimento psíquico, no entanto, eles não associam necessariamente problemas de saúde mental à presença confirmada de um transtorno mental específico, como ansiedade ou depressão.

Em contrapartida, é notável que alguns estudos se destacam ao fornecer informações que podem ser interpretadas como contribuições para uma perspectiva mais ampla de saúde mental, essas contribuições destacam que saúde mental abrange os níveis de capacidade de adaptação e resiliência, ampliando assim a concepção além do aspecto biológico. Em vez disso, esses estudos abordam a saúde mental com uma perspectiva biopsicossocial e a compreendem também como resultado ou estado do desenvolvimento psicológico, tanto durante a adolescência quanto no decorrer da vida (Haque *et al.*, 2023; Qiu *et al.*, 2022; Seemi *et al.*, 2023; Sanjeevan; De Zoysa, 2018; Wang *et al.*, 2021).

Qiu *et al.* (2022) comenta que os estilos parentais são um importante fator externo que afeta o nível de resiliência mental, e que esse fator conseqüentemente influencia de maneira direta a saúde mental dos adolescentes, pois a resiliência constitui parte fundamental do que considera saúde mental. Seemi *et al.* (2023) em seu trabalho aborda a saúde mental como um estado de bem-estar que pode ser afetado por problemas que não necessariamente se configurem como um transtorno propriamente dito, porém, ao evitar esses problemas logo no início, pode-se evitar a manifestação dos transtornos.

A saúde mental, entendida como um estado de bem-estar biopsicossocial, também é influenciada pelo bem-estar físico, assim, maus hábitos de saúde física, como comportamentos alimentares não saudáveis ou obesidade, são vistos como

prejudiciais nesse contexto, podendo afetar o nível de bem-estar dos jovens e conseqüentemente, seu nível de resiliência diante dos desafios da vida. Portanto, ao promover um estilo de vida saudável e ao mesmo tempo buscar aumentar a resiliência mental dos adolescentes, estamos conseqüentemente promovendo uma melhor saúde mental (Haque *et al.*, 2023; Qiu *et al.*, 2022; Seemi *et al.*, 2023; Sanjeevan; De Zoysa, 2018; Wang *et al.*, 2021).

Wang *et al.* (2021) apresentam a saúde mental como um assunto de interesse social e um desafio de saúde pública, destacando principalmente a importância do cuidado com o adolescente como uma forma de prevenir problemas de saúde mental e sofrimento psíquico na vida adulta. A ênfase na saúde mental dos adolescentes é direcionada para a prevenção de dificuldades na vida adulta, pois intervenções precoces podem atenuar os efeitos desses transtornos, promovendo a resiliência e o bem-estar no presente, ao mesmo tempo em que evita futuras complicações, assim, o cuidado com a saúde mental durante a adolescência pode auxiliar na formação de adultos mais saudáveis, produtivos e capazes de contribuir de maneira positiva para a sociedade (Haque *et al.*, 2023)

De maneira geral, esses autores entendem que os problemas de saúde mental na vida adulta tendem a ser mais incapacitantes na vida do indivíduo, assim, quando mencionam a promoção da saúde mental, referem-se também ao fortalecimento da resiliência do adolescente para enfrentar suas próprias questões e desafios, com a ajuda dos pais ou cuidadores, visando o fortalecimento de suas próprias estratégias de cuidado e suporte (Haque *et al.*, 2023; Qiu *et al.*, 2022; Seemi *et al.*, 2023; Sanjeevan; De Zoysa, 2018; Wang *et al.*, 2021).

Por fim, mesmo com uma ausência de descrições mais diretas, pode-se concluir que, apesar da maioria dos trabalhos não abordar a saúde mental de maneira integrada, foi possível extrair de 31,5% dos trabalhos discutidos uma visão de saúde mental que não se limita ao indivíduo, mas que possui, em conjunto, um caráter geral e de preocupação social, geralmente voltada para a prevenção de transtornos na vida adulta.

Em relação à terceira categoria de análise, que trata dos aspectos dos estudos encontrados, observou-se uma forte predominância de estudos originários do continente asiático, principalmente da China. A China é atualmente o segundo país mais populoso do mundo, e além da grande população tem um sistema educacional altamente competitivo, em conjunto, a cultura chinesa, assim como muitos países asiáticos, tem uma forte ênfase na família, o que pode levar a um interesse significativo

em estilos parentais e seu impacto na saúde mental das crianças e adolescentes. Esse aspecto pode ser notado pelo volume de pesquisas produzido no país, além disso, a Ásia como um todo tem visto um aumento na produção de pesquisa nas últimas décadas, com a China liderando mundialmente o ranking de produção científica (Stangherlin; Del'olmo, 2017; Dotto; Mogul. 2023).

Para além de fatores como população, cultura e educação, o financiamento e infraestrutura de pesquisa de um país pode influenciar no volume de pesquisas ofertados sobre determinada área do conhecimento. Em relação ao Brasil por exemplo, não foi encontrado nenhum trabalho nos últimos 5 anos, como nenhum em português ou em nenhum país falante da língua, assim, podemos observar uma clara limitação na produção desse conteúdo nessa linguagem e região.

Macarine *et. al.* (2010) afirma sobre a necessidade do Brasil de investir em publicações nessa área, pois no nosso país o corpo teórico ainda é bastante recente, impactando diretamente nos estudos nacionais, tanto em metodologia quanto no nível de aprofundamento dessas investigações, apesar disso, os estudos sobre parentalidade tem sido objeto de interesse dos pesquisadores pelo mundo. Um recente estudo de revisão sistemática sobre parentalidade e transtorno de ansiedade social realizado no Brasil, em que analisou publicações entre 1989 e 2016, também detectou escassez de pesquisas brasileiras envolvendo transtorno mental associado a parentalidade (Souza *et al.*, 2023).

É importante ressaltar que alguns estudos se concentraram exclusivamente em um único estilo parental, limitando, de certa forma, a compreensão das interações entre diferentes estilos e seus impactos na saúde mental dos adolescentes. No entanto, a grande maioria dos estudos utilizaram-se apenas de um limitado contexto social e cultural em suas amostras, como também apenas um momento no tempo, sem considerar uma abordagem longitudinal, limitando a compreensão das mudanças ao longo do tempo e os efeitos no longo prazo, com exceção de Iselin *et al.* (2022) que utilizaram amostras de 3 países de continentes diferentes e coletaram dados em 3 anos diferentes.

Uma amostra transcultural pode ser bastante rica no sentido de percebermos melhor os efeitos das diferentes culturas na parentalidade, pode ser que em determinada sociedade os estilos parentais tenham diferentes impactos na criação dos filhos e conseqüentemente no estado emocional deles. O impacto dos estilos parentais também vai depender do que é valorizado em cada sociedade como “boas práticas”

educativas, influenciando como o adolescente interpreta e compreende a maneira como os pais interagem e se relacionam com eles.

Uma limitação importante a ser considerada em relação aos estudos revisados é que por conta da faixa etária das amostras, os estilos parentais relatados são baseados na percepção dos adolescentes sobre os comportamentos de seus pais, isso significa que as conclusões são influenciadas pela interpretação subjetiva dos jovens, o que pode não refletir com tanta precisão o estilo parental real, além disso, fatores como o próprio estado emocional e de saúde mental do adolescente, a relação com os pais e as experiências pessoais podem influenciar nesta percepção, como por exemplo, um adolescente com depressão pode ter uma tendência a ter uma visão mais negativa dos pais.

Sugerimos para futuras pesquisas a inclusão de estudos que abordem a percepção dos pais em relação aos seus próprios estilos parentais, tais como a inclusão de outras formas de avaliação, como observações de terceiros ou através de avaliação de pais e filhos em conjunto, de modo a obter uma compreensão mais abrangente e objetiva dos estilos parentais.

Por fim, é importante ressaltar a relevância do alcance dos objetivos delineados pelo presente trabalho. Ao longo dessa jornada, exploramos não apenas as associações entre estilos parentais e sintomas de ansiedade e depressão, mas também a influência de outros fatores culturais, contextuais e individuais nessas associações, reconhecendo a parentalidade como algo dinâmico e complexo, principalmente em interação com o bem-estar emocional dos adolescentes.

Portanto, este trabalho não somente contribui para o corpo existente de conhecimento sobre a relação entre estilos parentais e saúde mental dos adolescentes, mas também deixa claro a necessidade constante de investigação nessa área.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou analisar o impacto dos estilos parentais na saúde mental dos adolescentes, especialmente considerando manifestações dos transtornos de ansiedade e transtornos depressivos. A revisão sistemática da literatura abrangeu 16 estudos publicados nos últimos 5 anos, provenientes de diversas regiões do mundo, destacando a predominância de pesquisas no continente asiático.

A variação nos contextos sociais, nos métodos de pesquisa e principalmente na maneira de descrever e considerar os estilos parentais utilizados nos estudos revisados apresentou um forte desafio para construção do presente trabalho e na análise da literatura. Isso incorporou dificuldades de comparar e sintetizar esses resultados, especialmente quando os estudos usavam diferentes definições de estilos parentais.

Sugerimos para estudos futuros que objetivem e considerem as diferenças culturais ao estudar os aspectos da parentalidade, pois a inclusão de estudos de uma variedade de contextos culturais pode fornecer uma compreensão mais completa dos estilos parentais.

As intervenções direcionadas aos pais mostraram-se eficazes na modificação dos estilos parentais, sugerindo que estratégias de apoio, intervenção e educação parental podem ser abordagens promissoras, podendo desempenhar um papel significativo na promoção da saúde mental dos adolescentes. Utilizando-se de análises como a do presente trabalho, tais intervenções e orientações podem ser realizadas e até mesmo direcionadas através de outros graus de parentesco com o adolescente ou outros canais sociais como a escola e os professores por exemplo, pois não se limita apenas aos pais esse papel protetivo para a saúde mental de nossos futuros adultos.

Em síntese, este trabalho contribui para a compreensão dos resultados dos estudos que se comprometeram a investigar as relações entre estilos parentais e saúde mental dos adolescentes, o que nos leva a destacar a importância de se promover um estilo parental autoritativo que se direciona ao uso de uma abordagem equilibrada e racional, que valoriza o diálogo, que compartilha o raciocínio por trás de suas ações enquanto demonstra firmeza, sem restringir a liberdade.

Através desse trabalho fica clara a importância de se orientar e incentivar os pais e cuidadores a romperem com estilos parentais negativos e adotarem práticas mais autoritativas e que promovam maior autonomia dos filhos, conseqüentemente gerando uma saúde mental mais positiva para eles. Esperamos que este estudo sirva como parte

de contínuas descobertas e ações que promovam saúde mental e o desenvolvimento saudável dos adolescentes.

REFERÊNCIAS

- ABREU-LIMA, I. M. et al. **AVALIAÇÃO DE INTERVENÇÕES DE EDUCAÇÃO PARENTAL**. [s.l.: s.n.].
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2013.
- AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION (APA). **Depression**. Disponível em: <<https://www.apa.org/topics/depression>>. Acesso em: 28 jul. 2023a.
- AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION (APA). **Anxiety**. Disponível em: <<https://www.apa.org/topics/anxiety>>. Acesso em: 22 jun. 2023b.
- ASBAHR, F. R. Transtornos ansiosos na infância e adolescência: aspectos clínicos e neurobiológicos. **Jornal de pediatria**, v. 80, n. 2, p. 28–34, 2004.
- ASSIS, S. G. D. et al. Ansiedade em crianças: um olhar sobre transtornos de ansiedade e violências na infância. Em: **Ansiedade em crianças: um olhar sobre transtornos de ansiedade e violências na infância**. [s.l.: s.n.]. p. 87–87.
- AVANCI, J. Q. et al. Fatores associados aos problemas de saúde mental em adolescentes. **Psicologia Teoria e Pesquisa**, v. 23, n. 3, p. 287–294, 2007.
- AXELSDÓTTIR, B. et al. Research in child and adolescent anxiety and depression: treatment uncertainties prioritised by youth and professionals. **F1000Research**, v. 10, p. 1221, 2022.
- BAHLS, S.-C. Epidemiology of depressive symptoms in adolescents of a public school in Curitiba, Brazil. **Revista brasileira de psiquiatria (Sao Paulo, Brazil: 1999)**, v. 24, n. 2, p. 63–67, 2002.
- BALDISSERA, O. **Promoção da saúde mental: um dos maiores desafios do século 21**. **Pucpr.br**Pós PUCPR Digital, , 15 mar. 2021. Disponível em: <<https://posdigital.pucpr.br/blog/saude-mental>>. Acesso em: 14 fev. 2024
- BAUMRIND, D. Effects of authoritative parental control on child behavior. **Child development**, v. 37, n. 4, p. 887, 1966.
- BORDIN, I. A. S. PAULA, C. S. Estudos populacionais sobre saúde mental de crianças e adolescentes brasileiros. Em: M. F. MELLO, A. MELLO, & R. KOHN (Ed.). **Epidemiologia da saúde mental no Brasil**. São Paulo: Artmed, 2007. p. 101–118.
- BRASIL. **Estatuto Da Criança E Do Adolescente**. Lei 8.069/90. São Paulo: Atlas, 1991.
- CID, M. F. B.; MATSUKURA, T. S.; CIA, F. Relações entre a saúde mental de estudantes do ensino fundamental e as práticas e estilos parentais: DOI:

10.15343/0104-7809.20153904504513. **Mundo da saude (1995)**, v. 39, n. 4, p. 504–513, 2015.

DOTTO, C.; MOGUL, R. Análise: como a população da Índia ultrapassou a da China e o que vem a seguir? Disponível em:

<<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/analise-como-a-populacao-da-india-ultrapassou-a-da-china-e-o-que-vem-a-seguir/>>. Acesso em: 5 fev. 2024.

ESTEVAM, P. Teoria da Aprendizagem Experiencial: benefícios e aplicações práticas. Disponível em: <<https://rubeus.com.br/blog/teoria-da-aprendizagem-experiencial/>>. Acesso em: 14 fev. 2024.

EUN, J. D. et al. Parenting style and mental disorders in a nationally representative sample of US adolescents. **Soc. Psychiatry Psychiatr. Epidemiol.**, v. 53, n. 1, p. 11–20, 2018.

FILHO, N. D. A.; COELHO, M. T. Á.; PERES, M. F. T. O conceito de saúde mental. **Revista USP**, v. 0, n. 43, p. 100, 1999.

FIRST, M. B. **Considerações gerais sobre a doença mental.** Disponível em: <<http://www.msmanuals.com/pt-br/casa/disturbios-de-saude-mental/consideracoes-gerais-sobre-cuidados-com-a-saude-mental/consideracoes-gerais-sobre-a-doenca-mental>>. Acesso em: 11 out. 2023.

FLEMING, J. E.; OFFORD, D. R. Epidemiology of childhood depressive disorders: A critical review. **Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry**, v. 29, n. 4, p. 571–580, 1990.

FORMIGLI, V. L.; COSTA, M. C.; PORTO, L. A. Evaluation of a comprehensive adolescent health care service. **Cadernos de saude publica**, v. 16, n. 3, p. 831–841, 2000.

FORTIM, I.; ARAUJO, C. A. DE. Aspectos psicológicos do uso patológico de internet. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, v. 33, n. 85, p. 292–311, 2013.

FROTA, S. D. DE M. et al. INTERVENTIONS IN PARENTING TO PROMOTE CHILD MENTAL HEALTH MEDIATED BY LIBRARY THERAPY. **SciELO Preprints**, 2023.

GALVÃO, M. C. B.; RICARTE, I. L. M. Revisão sistemática da literatura: Conceituação, produção e publicação. **Logeion Filosofia da Informação**, v. 6, n. 1, p. 57–73, 2019.

GOMES, J. P. S.; RODRIGUES, T. L. G.; SANTOS, T. S. A IMPORTÂNCIA DA INFORMAÇÃO ACERCA DO USO RACIONAL DE MEDICAMENTOS PSICOTRÓPICOS NA ADOLESCÊNCIA. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação-REASE**, v. 9, n. 09, 2023.

GRANDESSO, M. Práticas Pós-Modernas. Que lugar ocupa o diagnóstico? Em: PAYÁ, R. (Ed.). **Intercâmbio das Psicoterapisas: Como cada abordagem**

psicoterapêutica compreende os transtornos psiquiátricos. Rio de Janeiro: Roca, 2017. p. 564–575.

HAQUE, M. A. et al. Prevalence of and factors associated with depression, anxiety and stress among adolescents in Bangladesh during the COVID-19 pandemic: A population-based study. **F1000Res.**, v. 12, n. 730, p. 730, 2023.

ISELIN, A.-M. R. et al. Pathways from maternal harsh discipline through rumination to anxiety and depression symptoms: Gender and normativeness of harsh discipline as moderators. **Res. Child Adolesc. Psychopathol.**, v. 50, n. 10, p. 1313–1326, 2022.

LA, T.-T. T. et al. Mental health among Vietnamese urban late adolescents: The association of parenting styles. **Health Psychol. Open**, v. 7, n. 2, p. 205510292094873, 2020.

LACOMBA-TREJO, L. Talla baja en la infancia y la adolescencia: psicopatología y estilo educativo familiar. **Rev. psicol. clín. con niños adolesc.**, v. 8, n. 3, p. 43–49, 2021.

LAHIKAINEN, A. R.; TOLONEN, K.; KRAAV, I. Young children's subjective well-being and family discontents in a changing cultural context. **Child indicators research**, v. 1, n. 1, p. 65–85, 2008.

LEUNG, J. T. Y. Too much of a good thing: Perceived overparenting and wellbeing of Chinese adolescents in Hong Kong. **Child Indic. Res.**, v. 13, n. 5, p. 1791–1809, 2020.

MACARINI, S. M. et al. Práticas parentais: uma revisão da literatura brasileira. **Arquivos brasileiros de psicologia**, v. 62, n. 1, p. 119–134, 2010.

MACCOBY, E.; MARTIN, J. Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. Em: HETHERINGTON, E. M. (Ed.). **Handbook of child psychology: Socialization, personality, and social development.** New York: Wiley, 1983. v. 4p. 1–101.

MAGNANI, R. M.; STAUDT, A. C. P. Estilos parentais e suicídio na adolescência: uma reflexão acerca dos fatores de proteção. **Pensando famílias**, v. 22, n. 1, p. 75–86, 2018.

MATOS, M. G. DE. **COMUNICAÇÃO, GESTÃO DE CONFLITOS E SAÚDE NA ESCOLA.** Lisboa, Portugal: Faculdade de Motricidade Humana, 2006.

MORO, M. R.; BERLINER, C. Parentalidade e diversidade cultural. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 51, n. 2, p. 137–149, 2017.

NIETO-CASADO, F. J. et al. Effect of parental competences on anxious-depressive symptoms and suicidal ideation in adolescents: Exploring the mediating role of mindfulness. **Child. Youth Serv. Rev.**, v. 138, n. 106526, p. 106526, 2022.

OLIVEIRA, W. F. Algumas reflexões sobre as bases conceituais da Saúde Mental e a formação do profissional de Saúde Mental no contexto da promoção da saúde. **Saúde em Debate**, v. 32, n. 78-79-80, p. 38-48, 2008.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Relatório mundial sobre a saúde no mundo 2001. **Saúde mental: Nova concepção, nova esperança**. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2001.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE (OPAS) 2019. **Aumenta o número de pessoas com depressão no mundo**. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/noticias/23-2-2017-aumenta-numero-pessoas-com-depressao-no-mundo>>. Acesso em: 5 jul. 2023.

PRATTA, E. M. M.; SANTOS, M. A. DOS. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia em estudo**, v. 12, n. 2, p. 247-256, 2007.

QIU, Z. et al. Associations of parenting style and resilience with depression and anxiety symptoms in Chinese middle school students. **Front. Psychol.**, v. 13, 2022.

RAKHSHANI, T. et al. The effect of parenting style on anxiety and depression in adolescent girls aged 12--16 years. **Heliyon**, v. 8, n. 11, p. e11478, 2022.

REICHERT, C. B. **Autonomia na adolescência e sua relação com os estilos parentais**. [s.l.] Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande Do Sul, 2006.

REMUS, K. **Os estilos parentais e possíveis relações em adolescentes com depressão**. [s.l.] Universidade de Caxias do Sul, 2020.

REN, Y. et al. The integral contributions of parental involvement and parenting style to adolescent adjustments: a regression mixture analysis. **Curr. Psychol.**, 2023.

RINHEL-SILVA, C. M.; CONSTANTINO, E. P.; RONDINI, C. A. Família, adolescência e estilos parentais. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 29, n. 2, p. 221-230, 2012.

ROHDE, L. A. et al. Quem deve tratar crianças e adolescentes? O espaço da psiquiatria da infância e da adolescência em questão. **Revista brasileira de psiquiatria (Sao Paulo, Brazil: 1999)**, v. 22, n. 1, p. 02-03, 2000.

ROMERO-ACOSTA, K. et al. Parenting styles, anxiety and depressive symptoms in child/adolescent. **International journal of psychological research**, v. 14, n. 1, p. 12-32, 2021.

SÁ, L. Saúde mental versus doença mental. **Do Diagnóstico à Intervenção em Enfermagem de Saúde Mental: II Congresso Internacional da SPESM**, v. 1, p. 15-18, 2010.

SAKURAMOTO, S. M.; SQUASSONI, C. E.; MATSUKURA, T. S. Apoio social, estilo parental e a saúde mental de crianças e adolescentes. **Mundo da saúde (1995)**, v. 38, n. 2, p. 169–178, 2014.

SANJEEVAN, D.; DE ZOYSA, P. The association of parenting style on depression, anxiety and stress among Tamil speaking adolescents in the Colombo city. **Sri Lanka J. Child Health**, v. 47, n. 4, p. 342, 2018.

SANTOS, R. O. D.; SILVA, A. M. P. M. O potencial educativo das redes sociais para ensinar e aprender na nova ecologia da aprendizagem: Uma revisão de literatura. Em: SILVA, C. A.; FERNANDES, A. G. N. (Eds.). **Psicologia Escolar e Educacional: ensaios da dimensão prática e da pesquisa**. [s.l.] Acadêmica Editorial, 2022. p. 118–134.

SECRETARIA ESTADUAL DA SAÚDE (SESA). **Saúde Mental**. Disponível em: <<https://www.saude.pr.gov.br/Pagina/Saude-Mental>>. Acesso em: 13 out. 2023.

SEEMI, T. et al. Anxiety levels among school-going adolescents in peri-urban areas of Karachi, Pakistan. **PLoS One**, v. 18, n. 10, p. e0289967, 2023.

SILVA, T. A. **Principais transtornos mentais que acometem adolescentes: Uma revisão integrativa**. [s.l.] Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2012.

SILVA, T. DE O. Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais. 2016.

SINITOX: SISTEMA NACIONAL DE INFORMAÇÕES TÓXICO-FARMACOLÓGICAS. **Dados Nacionais de Intoxicação**. Disponível em: <<https://sinitox.icict.fiocruz.br/dados-de-agentes-toxicos>>. Acesso em: 13 fev. 2024.

SOARES, S. N. D. S. **Transtornos mentais: índice de adolescentes com transtornos mentais na cidade de arraial**. [s.l.] Universidade Federal do Piauí, 2018.

SOUZA, K. M. R. et al. RELAÇÕES ENTRE PARENTALIDADE E O TRANSTORNO DE ANSIEDADE SOCIAL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA. **Revista Valore, Volta Redonda**, p. 8, 2023.

STANGHERLIN, C. S.; DEL'OLMO, F. D. S. O sistema educacional chinês e a cultura familiar de fomento à educação. **Rev. bras. hist. educ.**, v. 17, n. 2, p. 281–297, 2017.

TANG, A.-M. et al. Harsh parenting and adolescent depression: Mediation by negative self-cognition and moderation by peer acceptance. **Sch. Psychol. Int.**, p. 014303431770906, 2017.

TANG, H.; LYU, J.; XU, M. Direct and indirect effects of strength-based parenting on depression in Chinese high school students: Mediation by cognitive reappraisal and expression suppression. **Psychol. Res. Behav. Manag.**, v. 15, p. 3367–3378, 2022.

TEIXEIRA, G. **Manual dos transtornos escolares: entendendo os problemas de crianças e adolescentes na escola**. Editora Be. Rio de Janeiro: Best Seller, 2013.

THIENGO, D. L.; CAVALCANTE, M. T.; LOVISI, G. M. Prevalência de transtornos mentais entre crianças e adolescentes e fatores associados: uma revisão sistemática. **Jornal brasileiro de psiquiatria**, v. 63, n. 4, p. 360–372, 2014.

TOKUO, B. G. **Narrativas de sofrimento devido ao uso do smartphone: aprisionamento do ser-aí à técnica**. [s.l.] Universidade Federal do Rio Grande do Norte, nov. 2022.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB) 2020. **Guia de Saúde Mental Pós-pandemia no Brasil**. Disponível em: <<http://biblioteca.cofen.gov.br/guia-saude-mental-pos-pandemia-brasil/>>. Acesso em: 21 ago. 2023.

Valores da Família Chinesa: Como Afetam a Vida na China. Disponível em: <<https://ncgovote.org/pt/valores-da-fam%c3%adlia-chinesa-como-afetam-a-vida-na-china/>>. Acesso em: 5 fev. 2024.

WANG, Y. et al. The association of different parenting styles among depressed parents and their offspring's depression and anxiety: a cross-sectional study. **BMC Psychiatry**, v. 21, n. 1, 2021.

WEBER, L. N. D. et al. Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. **Psicologia**, v. 17, n. 3, p. 323–331, 2004.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. REGIONAL OFFICE FOR THE EASTERN MEDITERRANEAN. **Attention deficit hyperactivity disorder (ADHD)**. [s.l.] World Health Organization. Regional Office for the Eastern Mediterranean, 2019. Disponível em: <<https://apps.who.int/iris/handle/10665/364129>>. Acesso em: 5 ago. 2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Programing for adolescent-health and development report**. Genebra: WHO/UNFPA/UNICEF, study group, 1999.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Mental disorders**. Disponível em: <<https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/mental-disorders>>. Acesso em: 13 out. 2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO) 2021. **Mental health of adolescents**. Disponível em: <<https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/adolescent-mental-health>>. Acesso em: 21 ago. 2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO) 2022. **Mental health**. Disponível em: <<https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/mental-health-strengthening-our-response>>. Acesso em: 4 jun. 2023.

**XAVIER, R. DE S. O ESTRESSE E A QUALIDADE DE VIDA NO
TRABALHO: um estudo de caso da Televisão Santa Cruz – Itabuna, Bahia.**
Bahia: Universidade Estadual de Santa Cruz, 2008.

APÊNDICE

Planilha de análise de artigos						
Título Ano	Objetivos	País/língua	Participantes	Metodologia	Relevância	Principais resultados